

## **Encenar o lugar democrático:**

### **o espaço cénico d' *A Tempestade* de Peter Brook em 1968**

André Guedes

Redigido a partir da versão lida ao vivo em Março de 2012 no evento *Almanaque - Tentativa de uma mesa não-redonda*, no âmbito do Laboratório de Curadoria inserido no programa de Guimarães Capital Cultural 2012.



**001** - Movimento Occupy Wall Street detido pelas forças policiais a meio da travessia da Ponte de Brooklyn (Nova Iorque) quando a tentaram fazer a 1 de Outubro de 2011.

I have worked always against scenery - in reaction away from scenery... I believe today that [set] design means creating possibilities for a continually moving and evolving set of images that need have no consistency, no stability, no architecture, but which spin out of the actors' themes and play on the audience just at the moment when they unfold. They should parallel the rich and formless impressions of the world we live in.

Peter Brook<sup>i</sup>

O presente texto traz, a-propósito das configurações espaciais recentemente *ensaiadas* por uma nova classe, de oriente a ocidente nas ruas de várias metrópoles, a evocação do espaço cénico d' *A Tempestade* de William Shakespeare na versão que Peter Brook dirigiu em 1968<sup>ii</sup>.

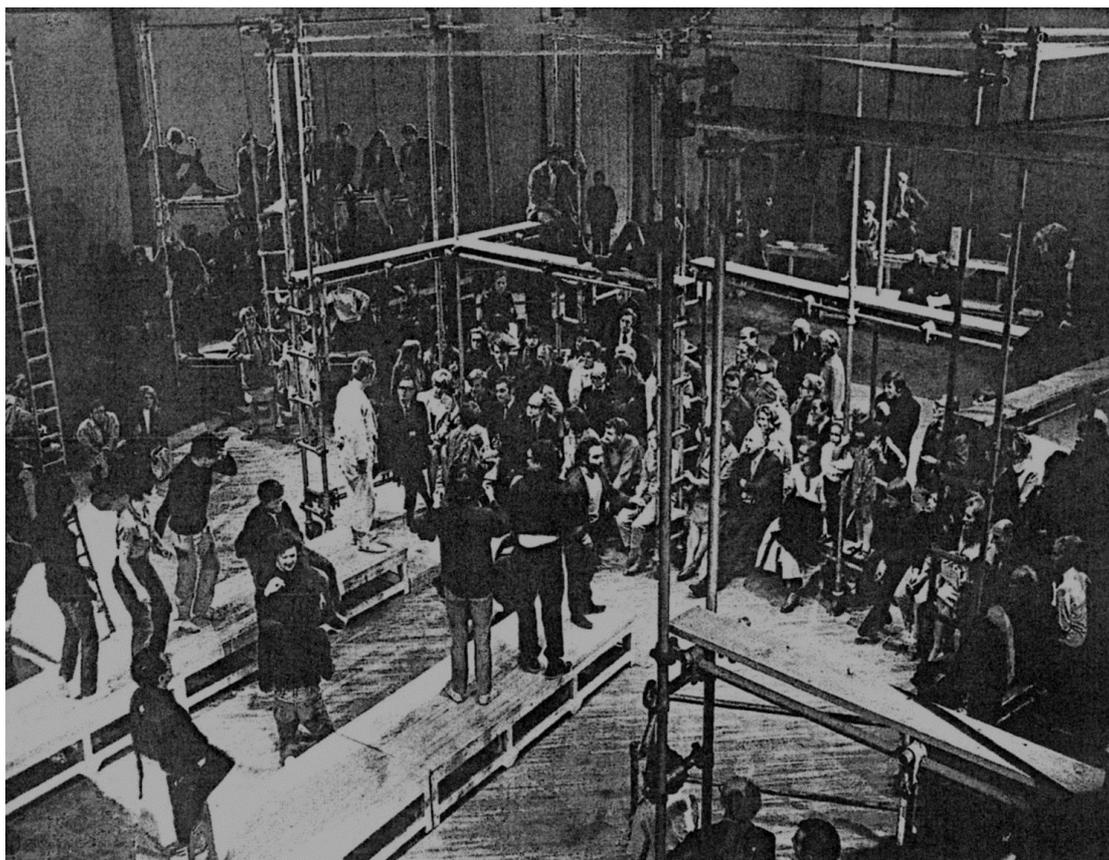
Esta nova classe à qual me refiro, é a classe indignada e revoltada que vemos surgir em nosso redor, agrupada na maior parte das vezes numa unidade apartidária. A ela, com distintas razões, motivações e diferentes níveis de adesão, parecemos todos de algum modo pertencer.

É uma grande classe que acolhe distintas classes - sociais, económicas, culturais - mas que tem um modo de protesto *comum*. Efectivamente, de modo a fazer-se representar e ouvir na *polis*, o tipo de protesto urbano desta classe caracteriza-se pela sobreposição no espaço público urbano de uma ocupação espacial humana que, apesar de temporária, curto-circuita os sistemas normativos e reguladores da ordem e da autoridade, o próprio Estado.

O movimento internacional Occupy Wall Street é talvez por isso o caso que mais evidentemente traduz os novos processos espaciais levados a cabo por esta nova classe em protesto. As acções de bloqueio e de negação funcional provocadas pela inoperacionalidade de zonas nevrálgicas da cidade resgatam o valor simbólico e prático da cidade enquanto campo de acção da cidadania. Algo que não é novo, pois a expressão e a decisão do sujeito e da comunidade na praça pública, sempre foi algo da ordem do político.

Em Abril de 1968, Jean-Louis Barrault, director do festival Théâtre des Nations em Paris, propõe ao encenador Peter Brook organizar um 'laboratório teatral' com o intuito de levar a cabo uma investigação relacionada com questões formais fundamentais do teatro: O que é o teatro? O que é uma peça? O que é um actor? O que é um espectador? Qual a relação entre o ator e a audiência (o espectador)? E que condições servirão melhor esta relação?

Para desenvolver este projecto, Brook criou uma companhia constituída por artistas e actores com formações, culturas, nacionalidades e áreas geográficas distintas – entre eles estaria o jovem e futuro encenador português João Mota – na esperança de que esta diversidade produzisse uma síntese de estilos que fosse relevante para a sua própria contemporaneidade.



**002** - Cena do espectáculo *A Tempestade* de Peter Brook na Round House em Londres, Julho de 1968. Espaço cénico de Nestor de Arzadun, Jean Monod e Peter Brook.

Brook decidiu trabalhar as questões propostas por Barrault a partir d'*A Tempestade* de Shakespeare. Apesar de já ter encenado esta obra anteriormente, entendia que havia nessa peça uma força e uma violência intrínsecas que mereciam a pena ser exploradas além do sentimentalismo, artificialismo e palidez habituais no teatro de repertório.

Com a eclosão nesse verão dos confrontos sociais pós-maio de 1968, a produção foi levada para Londres e apresentada na

Round House, originalmente uma antiga estação/oficina vitoriana de locomotivas, naquela época sede da companhia de teatro proletário de Arnold Wesker. O interior deste edifício, de planta circular encimada por uma cúpula e com um grande pé direito, faz lembrar um ginásio, impressão que será integrada na proposta espacial da peça de Brook. Com os artistas – aqui convertidos em cenógrafos – o espanhol Nestor de Arzadun e o francês Jean Monod, o encenador concebeu um dispositivo em que do centro do tecto pendia uma cobertura de lona branca, como uma tenda. O restante ‘cenário’ – ou seja, a área apenas destinada formalmente aos actores – era composto por plataformas de madeira baixas de várias dimensões, lembrando estrados japoneses. Estacionados à esquerda, à direita e na diagonal, encontravam-se vários andaimes com tábuas nos diferentes níveis onde os espectadores – e os actores – se podiam sentar. Os andaimes, completos de ‘passageiros’, eram empurrados durante o espectáculo para a área central de representação junto às referidas plataformas de madeira. No entanto, o público podia escolher entre sentar-se nessas estruturas ou em outros objectos espalhados pelo espaço – como caixas, bancos, cadeiras desdobráveis – ou mesmo nas três bancadas resguardadas – ‘a salvo’ –, orientadas para a arena central. Isto significava que a ‘participação’ da audiência era opcional.<sup>iii</sup>

Questão sensível e longamente reflectida por Brook e a sua equipa, a da participação da audiência. Como ele referiu, e passo a citar, “o estado psicológico de cada membro da audiência é de tal forma subtilmente diferente, que ninguém pode tratar a audiência como um todo. A participação da audiência requer um clima de enorme confiança e segurança (...) e mais do que qualquer outro factor, depende do modo de fazer a audiência sentir-se numa relação totalmente natural com o actor/performer.”<sup>iv</sup>

Durante a peça, o espaço estava quase sempre fortemente iluminado por uma luz branca. Qualquer efeito naturalista foi

erradicado – a 4ª parede, separando cena e plateia, claramente abolida através do dispositivo cénico geral.

Um questionamento contínuo do objecto era solicitado ao público, começando desde a sua entrada na sala, com a consciencialização e escolha do lugar donde assistir à peça. Essa vontade de ruptura passava também na acção, que era claramente não-linear. As cenas ora apareciam como desapareciam gradualmente, fundidas com outras. O texto original de Shakespeare fora baralhado, misturado com outros materiais (nomeadamente do dramaturgo seiscentista Calderón de la Barca), e debitado assimetricamente pelos actores, tornando-se abstracto, favorecendo uma expressividade gestual e a plástica fonética, em detrimento da limpeza da linguagem escrita. A organização do espaço cénico – que vira as costas à denominação enquanto cenografia – dilui nitidamente a fronteira habitual entre palco/representação da plateia/público, ensaiando a ideia de um espaço coeso e democrático.

A proposta de Brook constitui efectivamente a figuração de uma assembleia colectiva, da ágora – símbolo da democracia directa da antiguidade clássica na qual todos os cidadãos tinham voz e direito ao voto. A ágora, configuração espacial inventada pela pólis, integrando de múltiplas formas o espectador ou cidadão, pensando simultaneamente a participação individual e a colectiva.

Dois anos mais tarde, já a trabalhar em França dirigindo o Centre International de Recherche Théâtrale (C.I.R.T.)<sup>v</sup> que Brook fundou em 1971, refere numa entrevista a principal motivação e preocupação da sua pesquisa artística,

A base do nosso trabalho no C.I.R.T. é tentar estabelecer ligações. Ligações entre países diferentes, culturas diferentes, raças diferentes, e também entre gerações diferentes. Por isso, para nós, o espectáculo ideal será aquele que numa povoação, como aquelas onde já representámos, permita ao jovem, ao velho, às crianças, e a toda a gente, participar num mesmo espectáculo, e de extrair dessa experiência não uma mesma significação, mas num mesmo momento uma significação a vários níveis para cada membro da audiência.

Assim, se chegamos a tocar indivíduos que têm teoricamente formações muito diferentes, indica que há questões e temas que dizem respeito a todos nós, e que vão mais longe que as nossas barreiras e preconceitos. É nesse espírito que trabalhamos: um teatro aberto a todos, sem discriminações, onde um público muito variado possa reunir-se numa mesma sala em torno de um mesmo acontecimento.<sup>vi</sup>

A importância de gerar *um mesmo acontecimento* foi na segunda metade da década de sessenta, e pelo menos até meados dos anos 1970, um dos paradigmas do novo lugar cénico pós-Brecht. O político estava não só na militância dos conteúdos levados à cena - e na inerente ideologia da companhia - mas igualmente na forma como este atributo é inerente ao acto social que o próprio espectáculo constitui, e para o qual o público é implicado -

Le théâtre cesse d'être un spectacle pour chacun, et devient l'acte de tous. Il est, aux moins potentiellement, un événement proche du rite religieux, de la fête populaire, du meeting ou de la manifestation politique. Dans toutes ces formes de rassemblement social, en effet, bien qu'il y ait toujours quelque chose à voir, celui qui voit fait partie du spectacle qu'on voit. Cette dimension collective consciemment assumée est une situation politique en elle-même.<sup>vii</sup>

Apesar da contestação social e política que ocorre actualmente nas cidades ocidentais, algumas das vezes praticamente à porta de grandes salas de teatro, a relação entre o público e o espaço cena - seu dispositivo cénico e sua activação pelos actores - já não pretende equivaler ou traduzir no seu interior os movimentos e as lutas sociais que deflagram no espaço da cidade.

No entanto, o carácter de *invenção* das práticas espaciais do presente é um dos legados operativos - e já agora estéticos - desse período de contestação política não muito longínquo. Neste legado devemos também inserir toda a exploração e experimentalismo ocorrido então nas artes performativas, sobretudo no que diz respeito às modalidades de inclusão e participação da audiência pertinentemente ensaiadas nesses espaços de cena.

---

<sup>i</sup> BROOK, Peter (1966) - Prologue. In WARREN, Michael - *Designing and Making Stage Scenery*. London: Studio Vista Publishers. p.7

<sup>ii</sup> Brook regressou em 1990 ao texto d' *A Tempestade* numa nova versão, dessa vez adaptada por Jean-Claude Carrière e apresentada no Théâtre des Bouffes du Nord em Paris.

<sup>iii</sup> Descrições do espectáculo consultadas em :  
- HOROWITZ, Arthur (2004) - Peter Brook's 'Experiment': The 1968 Tempest. IN HOROWITZ, Arthur - *Prospero's 'True Preservers', Peter Brook, Yukio Ninagawa, and Giorgio Strehler - Twentieth-Century Directors Approach Shakespeare's The Tempest*. Newark: University of Delaware Press. Pp. 64-87,  
- HELFER, Richard; LONEY, Glenn Meredith (1998) - *Peter Brook: Oxford to Orghast*. London: Routledge Harwood Contemporary Theatre Studies. Pp. 147-149

<sup>iv</sup> BROOK, Peter; BEGOU, Georges, jornalista (1979) - *Peter Brook au Festival d'Avignon*. [Em linha] Bry-sur-Marne: Institut national de l'audiovisuel. [Consult. 26 Fev. 2013]. Disponível em WWW:<[url:http://www.ina.fr/art-et-culture/arts-du-spectacle/video/CAB7901166701/peter-brook-au-festival-d-avignon.fr.html](http://www.ina.fr/art-et-culture/arts-du-spectacle/video/CAB7901166701/peter-brook-au-festival-d-avignon.fr.html)>. Reportagem para canal de televisão aquando da estreia de *La Conférence des Oiseaux*.

<sup>v</sup> O embrião do C.I.R.T. foi o Centre International de Recherche criado em 1968, sob o já citado estímulo de Jean-Louis Barrault, e *A Tempestade* seria o primeiro espectáculo produzido debaixo desse auspício. Com o passo seguinte que foi a formação do C.I.R.T. "Brook tinha a esperança de criar uma companhia permanente, flexível, não-institucionalizada, móvel, que proporcionasse uma fusão de culturas, temperamentos, estilos e origens. Talvez esperasse também que um dia essa companhia se tornasse reminiscência do sabor e tonalidade do teatro isabelino com a sua absoluta liberdade em relação a todo o dogma e com a notável capacidade de reunir todas as tradições e estilos, para produzir um teatro que algo dissesse a toda a gente." Margaret Croyden in "The Center, a narrative", p.12-13, brochura do espectáculo *A Conferência das Aves* apresentado por Brook em 1980 no Convento do Beato em Lisboa.

<sup>vi</sup> BROOK, Peter; PEYRAUD, Jean Jacques, jornalista (1979) - *Peter Brook au Festival d'Avignon*. [Em linha] Bry-sur-Marne: Institut national de l'audiovisuel. [Consult. 26 Fev. 2013]. Disponível em WWW:<[url:http://www.ina.fr/video/DVC7908155601/peter-brook-video.html](http://www.ina.fr/video/DVC7908155601/peter-brook-video.html)>. Reportagem para canal de televisão aquando da estreia de *La Conférence des Oiseaux*.

<sup>vii</sup> LISTA, Giovanni (1997) - *La Scène Militante*. In LISTA, Giovanni - *La Scène Moderne*. Arles: Actes Sud. p.31